

ALINE OGLIARI

**Influência das Culturas Africanas na Cultura Popular
Brasileira: subsídios para a prática didática em
Artes Visuais**

Brasília-DF, 2014

Aline Ogliari

**Influência das Culturas Africanas na Cultura Popular
Brasileira: subsídios para a prática didática em
Artes Visuais**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em Licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto
de Artes da Universidade de Brasília.

Orietador: Prof. Dr. Christus M. Nóbrega

Brasília-DF, 2014

Dedicatória

À minha irmã,
Monalisa Ogliari,
Mestre em Educação e
Servidora do Ministério da
Educação em prol de mais luz.

Agradecimento

A todos que contribuíram a sua maneira a minha eterna gratidão.

À minha mãe, eterna memória, pois em mim mora: Maria das Graças Ogliari

Ao meu pai: Aldêmio Ogliari

Aos meus irmãos: Daniel, Taiz, Monalisa, Cintya, Kátia Ogliari

Aos meus sobrinhos: Igor, Stela, Ítalo e Gabriel Ogliari

À minha sogra e educadora: Eva de Fátima Rufino da Silva

Ao meu companheiro e educador: Claud Wagner Gonçalves Dias Júnior

Ao líder espiritual: José Gabriel da Costa

Aos meus amigos e colegas.

Aos meus professores.

Em especial ao meu orientador Professor e Artista Plástico:

Christus M. Nóbrega, pelo incentivo, amizade e orientações precisas.

**Zabumbas de bombos,
estouros de bombas,
batuques de ingonos,
cantigas de banzo,
rangir de ganzás...**

**Luanda, Luanda, onde estás?
Luanda, Luanda, onde estás?**

**As luas-crescentes
de espelhos luzentes
colares e pentes,
queixares e dentes
de maracajás...**

**Luanda, Luanda, onde estás?
Luanda, Luanda, onde estás?**

**A balsa do rio
cai no corrupio
faz passo macio,
mas toma desvio
que nunca sonhou...**

**Luanda, Luanda, onde estou?
Luanda, Luanda, onde estou?**

Sumário

INTRODUÇÃO	10
LISTA DE FIGURAS	08
MEMORIAL.....	09
CAPÍTULO 1	11
1. Educação em Artes Visuais no Ensino Fundamental e a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira	11
1.1 O ensino da arte: Lei nº 9.394/96 - Leis de Diretrizes e Bases (LDB)	11
1.2 Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental - Arte.....	13
1.3 Lei 10.639/2003 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.....	15
1.4 Implementação da lei.....	19
CAPÍTULO 2	19
2. As Culturas Africanas.....	19
2.1 Cultura Popular Afro-Brasileiro	21
2.2 Festas Tradicionais Afro-Brasileiras	23
2.3 O uso das máscaras no continente africano	26
2.4 Contribuições na arte/educação.....	28
CAPÍTULO 3	31
3. Proposta Didática da Cultura Popular Afro-Brasileiro no Ensino Fundamental das Séries Finais - Máscaras	31
3.1 O Projeto Didático.....	32
3.1.1 Planos de Aula	35
3.2 Resultados e Avaliação	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

ANEXO46

Lista de Figuras

Figura 01: Matrizes do personagem folclórico Saci-Pererê.

Figura 02: Debret, *Diferentes Nações Negras*.

Figura 03: Festa a Iemanjá em Salvador-BA.

Figura 04: Maracatu Nação.

Figura 05: Maracatu Rural.

Figura 06: Congada na Serra do Salitre-MG.

Figura 07: Máscara da tribo Punu, Gabão, 35x24cm.

Figura 08: Máscara funerária egípcia, 1554 aC, madeira policromada.

Figura 09: Pablo Picasso. *Les Demoiselles d' Avignon*. Óleo s/ tela.

Figura 10: Modigliani. Esculturas de bronze.

Figura 11: Modigliani. Esculturas de bronze.

Figura 12: Oiticica. *Parangolé*, tecidos, 150x110x20cm, 1964.

Figura 13: O corpo humano como suporte na elaboração de máscaras.

Figura 14: Rostos pintados em rituais africanos.

Figura 15: O *avatar* é usado como máscara para representar uma pessoa ou um sentimento.

Memorial

No primeiro ano de estágio em sala de aula, momento que só observa a metodologia do professor de arte, fiquei fascinada com as várias possibilidades que a professora conduzia as aulas em turmas de 7ª série do ensino fundamental. Utilizava as ferramentas das novas mídias digitais para o alcance dos objetivos propostos. Os estudantes mantinham um bom interesse e concentração pela atividade. Em outro momento os estudantes exploravam os materiais fornecidos pela escola no processo criativo, na qual a professora trabalha o autorretrato e desenho de observação, construindo assim, o conhecimento dos vários elementos visuais. Em uma didática que partia da nova tecnologia para uma prática manual artesanal.

No segundo ano de estágio a escola desenvolvia um projeto da cultura popular brasileira. Também em turmas de 7ª série conduzi parte deste projeto. Com a temática dos personagens folclóricos foi desenvolvido gravuras em pratinhos de isopor, posteriormente as gravuras ganharam um *paspartur* que foram expostos na feira cultura da escola. Os personagens folclóricos chamaram a atenção minha e dos estudantes pela aparência de origem africana, e questionamentos foram surgidos quanto à herança africana na cultura popular brasileira. Diante de tais indagações resolvi desenvolver o trabalho de conclusão do curso de licenciatura em artes, buscando as contribuições dos povos africanos na formação da cultura popular brasileira ou mesmo afro-brasileira.



Figura 1: Matrizes do personagem folclórico Saci-Pererê.

Introdução

O propósito desta monografia é reconhecer a influência das culturas africanas na formação da cultura popular afro-brasileira, tendo na máscara o objeto artístico a ser trabalhado como subsídio para a prática didática em Artes Visuais nas séries finais do Ensino Fundamental. A cultura popular possibilita a nossa capacidade imaginária e compõe nossa identidade cultural, manifestada em festas, danças, cantigas, folguedos, lendas e artesanatos. Consolida ainda nossas expressões artísticas populares, em meio a diversidades e pluralidades.

A Lei nº 10.639/2003 altera a Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira*, sendo baseada na perspectiva que propõe o reconhecimento das culturas africanas na cultura popular brasileira, denominado de afro-brasileiro. Posteriormente foi sancionada a lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que inclui também a História e Cultura Indígena.

As aulas de arte, além de proporcionar desafios, devem contribuir na transformação do saber crítico, propiciando que os estudantes sejam capazes de expressar e pronunciar a percepção, a emoção, a imaginação, a reflexão e a sensibilidade nas produções individuais ou coletivas, a fim de que o conhecimento seja construtivo e digno de contextualização nas culturas diversas e nos diferentes padrões artísticos e estéticos.

Ao propor aulas que trabalhem com a temática da cultura afro-brasileira a partir de um objeto, a máscara, é necessário fazer o levantamento das várias linguagens exercidas em Artes para despertar o processo criativo nos estudantes. É possível utilizar a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa para melhor alcance dos objetivos. Cabe ao professor examinar e adaptar cada proposta à realidade da turma, lembrando que as possibilidades são variadas para abarcar a riqueza da cultura afro-brasileira.

Capítulo I

1. Educação em Artes Visuais no Ensino Fundamental das séries finais e a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira

A escola deve contribuir para promover o pensamento e construir conhecimentos nas áreas nela presentes. É um lugar social de construção dos conhecimentos e, portanto, a arte está presente no currículo escolar proporcionando aos estudantes as chances de conhecer novas possibilidades, de pensar e de imaginar, como se expressar por meio de uma imagem, um gesto ou um movimento. A arte tem valor relacionado ao seu contexto cultural, como explica Pimentel (2009), o conhecimento em arte propicia a construção de novos saberes, podendo contribuir para o compartilhamento de experiências estéticas sensíveis e significativas, além da compreensão crítica da sociedade.

Se a função da educação em Artes Visuais no ensino fundamental é ensinar aos estudantes a compreender criticamente o mundo que os rodeia, o universo das Artes Visuais se amplia, já que, como afirma Franz (2004), a arte feita pelos artistas é apenas uma parte do campo de estudos, uma vez que o foco também será a cultura popular e a arte do cotidiano.

1.1 O ensino da arte: Lei nº 9.394/96 - Leis de Diretrizes e Bases (LDB)

A lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que regulamenta o sistema de ensino, público e privado, da educação básica ao ensino superior do Brasil tem sido constantemente atualizada. Segundo a LDB o ensino fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante a compreensão das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade, dentre outros aspectos.

Através da convivência humana dão-se os processos formativos, seja na família, no trabalho e na escola ou em qualquer espaço do mundo contemporâneo. A LDB normatiza que a “educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família

e da comunidade”. A escola tem se confrontado com funções múltiplas e difusas, com valores de expansão humana e social intrínsecos aos conhecimentos e ao ato de conhecer.

O primeiro artigo da lei nº 9.394/96 atribui também ao processo formativo as manifestações culturais. O Brasil é constituído por várias etnias, por imigrantes de diversos países, formando diferentes grupos e culturas variados. E, para se viver em democracia em uma sociedade mista é necessário respeitar as diversidades.

O conhecimento dessas diversidades é assunto abordado pelas disciplinas escolares de forma interdisciplinar. Em se tratando das Artes visuais o artigo 26 da LDB determina que o ensino da arte seja componente curricular obrigatório, de forma a gerar o desenvolvimento cultural dos alunos. Decorre-se a responsabilidade de estabelecer conhecimentos significativos em arte, pois ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em apreciação, reflexão e elaboração artística.

Com isso, o conhecimento das diversidades culturais e etnias de nosso país, que é formado em especial pelos povos africanos, indígenas e europeus, é assunto desenvolvido no campo das artes definido nos temas transversais¹ nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). Porquanto, as Artes Visuais são linguagens de expressão que abordam uma série de significados, como a sensibilidade ao senso estético, contribuindo para a educação e aprendizagem, com contextualização histórica. Como explica Pimentel (2009), o estudo-ação está sempre presente na arte, quer seja em sua análise ou produção.

Neste trabalho o enfoque será as heranças das culturas africanas, que além da formação da cultura da população, constitui a cultura popular brasileira, tornando-se a cultura afro-brasileira. Serão propostas didáticas embasadas na confecção de máscaras, em que os estudantes desenvolvam a capacidade de construir significados e atribuir sentidos no aprendizado.

¹Temas transversais: Ética; Pluralidade Cultural; Meio Ambiente; Saúde; Orientação Sexual e Temas Locais.

1.2 Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental - Arte

A escola está voltada para a formação de cidadãos e conseqüentemente o ingresso para o mundo do trabalho, através de um conjunto de práticas de maneira crítica e construtiva, em que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais, a fim de que exerçam seus direitos e deveres. Para isso, busca-se desenvolver os conteúdos favorecendo possibilidades da utilização de múltiplas linguagens.

Os PCN's servem de referência ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. Elaborados por professores, especialistas da educação e de outras áreas, deverão ser revistos periodicamente com base no acompanhamento e na avaliação de sua implementação.

Os PCN's 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental caracteriza-se por área disciplinares. Em Arte versam a partir da natureza e o alcance da educação referente à Arte e as práticas educativas e estéticas. Serve de base de orientação para professores tanto no ensino e à aprendizagem, como também à compreensão da arte como manifestação humana. No ensino fundamental, conforme os PCN's, a Arte é uma área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens, constituída de Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. Nesta monografia daremos ênfase às Artes Visuais.

Os PCN's propõem que a área de Arte vise a destacar os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos. Mobilizando a expressão e a comunicação pessoal, contribui-se, dessa forma, para a função da escola em formar cidadãos, por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.

Ao instigar o estudante a perceber, sentir, compreender e articular através da arte, contribui-se para a orientação dos diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade, relacionando significados sociais, e abrangendo modos de interação que se solidificam em múltiplas sínteses.

Conforme os PCN's, ao aprender arte na escola, o jovem poderá compreender melhor sua inserção e participação na sociedade, como fato

humanizador, cultural e histórico. As características da ação artística podem ser percebidas entre o fazer artístico dos estudantes e o fazer das artistas de todos os tempos que geram e constroem sentidos. Possibilita assim a aproximação entre os indivíduos de diferentes culturas e etnias ao estabelecer contatos que podem revelar mais sobre o valor e extensão de seu universo.

A área de Arte proporciona um campo privilegiado no que se referem aos temas transversais propostos pelos PCN's, pois conforme estes, *“as manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares”*. A arte no ensino educacional possibilita aos estudantes experimentar suas responsabilidades pelo futuro cultural individual e coletivo mais justo, sem preconceitos e exclusões, pois permite ao estudante lidar com a diversidade de modo construtivo, a partir do momento que percebe, sente, compreende, e reflete pelo senso crítico e estético do mundo que os rodeia.

As diversidades ofertam-nos conceitos de arte distintos, pois diversos grupos culturais definem um lugar para arte em suas ideologias gerando um sentido pluriculturalista que amplia a função da arte e contribui para o respeito e reconhecimento das diferenças. Este pluriculturalismo no ensino da arte, conforme os PCN's tem por objetivo:

Promover o entendimento de cruzamentos culturais pela identificação de similaridades, particularmente nos papéis e funções da arte, dentro e entre grupos culturais; reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural em arte e em nossa sociedade, enquanto também se potencializa o orgulho pela herança cultural em cada indivíduo, seja ela resultante de processos de erudição ou de vivências do âmbito popular, folclórico ou étnico; possibilitar problematizações acerca do etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminação e racismo nas ações que demarcam os eixos da aprendizagem; enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários (do ponto de vista do poder) como mulheres, índios e negros; possibilitar a confrontação de problemas, como racismo, sexismo, excepcionalidade física ou mental, participação democrática, paridade de poder; examinar a dinâmica de diferentes culturas e os processos de transmissão de valores; desenvolver a consciência acerca dos mecanismos de manutenção da cultura dentro de grupos sociais; questionar a cultura dominante, latente ou manifesta e todo tipo de opressão; destacar a relevância da informação para a flexibilização do gosto e do juízo acerca de outras culturas. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998: 42)

Os PCN's propõem que na sala de aula é necessário criar um ambiente investigador acerca das culturas compartilhadas pelos estudantes, pois uma abordagem pluriculturalista não se limita a adicionar à cultura dominante outras

culturas. Cada conteúdo da área pode ser ensinado nos três eixos da experiência de aprendizagem: a experiência do fazer, do apreciar e do contextualizar, e, se necessário, a reconstrução de conceitos em interações sucessivas. Pois os valores e atitudes são aprendidos nos modelos de convívio entre alunos e equipe de educadores, com coerência dos conceitos e práticas a eles relativos.

1.3 Lei 10.639/2003 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

Em 2003 o Governo Federal alterou a LDB acrescentando mais três artigos, sendo um vetado, através da lei de número 10.639/2003, em que passa a vigorar que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório “o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”, que incluirá no conteúdo programático a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Consolida também no calendário escolar o dia 20 de novembro como o *Dia Nacional da Consciência Negra*. Propõe ainda que seja desenvolvido em toda esfera curricular da escola, porém, com maior ênfase nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História.

Essa legislação vincula-se ao Decreto nº 4.886 de 20/11/2003 que estabelece a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), normatizada pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Institui propostas em âmbito governamental para a promoção da igualdade racial a fim de reduzir as desigualdades raciais no Brasil, principalmente a população negra, mediante a realização de ações, entre elas a implantação de um currículo escolar que reflita a pluralidade racial brasileira nos termos da Lei 10.639/2003.

Posteriormente foi sancionada a lei número 11.645, de 10 de março de 2008, que altera a lei 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases, modificada pela lei número 10.639/03, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, sendo este último acrescentado.

Dessa forma estabelece um marco legal, político e pedagógico de reconhecimento e valorização das influências africanas na constituição da sociedade brasileira e da importância da população afro-brasileira na formação social, política e econômica do país. No entanto, é um assunto que gera polêmica. No campo educacional houve protestos contrários à aplicabilidade da Lei número 10.639/2003, considerando desnecessária, pois a LDB já afirma que o ensino deveria considerar as contribuições das diferentes etnias. E também autoritária por retirar a autonomia das escolas desenvolverem seu currículo, uma tendência especificada na LDB. Houve argumentos inclusive de que a legislação seria até mesmo racista, por privilegiar uma classe específica das diversidades étnicas brasileiros em detrimento do demais e que implicitamente reforça o conceito de 'raças humana', já que cientificamente só há uma raça: a humana.

Em defesa, existem contra-argumentos de que a lei contribui fortemente para aprimorar o conhecimento a respeito da história dos negros, retirando a simplificação do assunto, até então trabalhado muitas vezes de forma insignificante. Mesmo constituindo maioria demograficamente, os afro-descendentes são uma minoria sociológica, o que reflete nos sistemas de ensino desqualificando a respeito da cultura e da história negro-africana, conforme pondera Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, conselheira do Conselho Nacional de Educação e também a primeira negra a ocupar um cargo nesse órgão, em entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo de 28/01/2003.

Desde então, o Ministério da Educação vem produzindo conteúdos e materiais pedagógicos para aplicar essa notável legislação, desde a formação inicial de professores à continuada da educação básica. No entanto, ainda é carente de recursos para atender a demanda, recebendo contribuições significativas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Cultura e Ciência (UNESCO), entre outras organizações e instituições.

1.4 Implementação da lei

Por considerar o ensino fundamental a base educacional, a LDB² atribui ao entendimento no campo das artes e do reconhecimento dos princípios fundamentais

²Pela compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

da sociedade, própria das relações humanas em uma fase de boa compreensão e formação de caráter. Dessa forma, a escola se vê em uma multiplicidade de saberes da educação e civilização dos estudantes.

Através das manifestações culturais é possível que o estudante perceba as aplicabilidades do ensino formal, devido à presença de várias etnias que constituem o pluriculturalismo do Brasil, e que contribui para a mestiçagem da cultura popular. Isso fomenta o respeito às diversidades, por compreender suas origens e sua importância na constituição do país e na formação de valores humanos.

A disciplina de Artes possui a capacidade de trabalhar as diversidades culturais, pela pluralidade da própria linguagem, desenvolvendo culturalmente e ampliando a contextualização dos estudantes através do domínio dos múltiplos códigos da arte. Dessa forma, os PCN's atribuem às Artes os temas transversais e também a lei 10.639/2003 define que a obrigatoriedade do ensino sobre a história e cultura afro-brasileira deverá ser, também, trabalhada na disciplina de Artes, visto que as artes mobilizam a expressão e a comunicação dos estudantes, auxiliando a função da escola em formar cidadãos e aproximar os indivíduos de diferentes culturas e etnias, permitindo aos educandos lidar com as diversidades de modo construtivo.

A lei 10.639/2003 possibilita a divulgação da contribuição histórico-social dos africanos ao país, e possibilita a superação da discriminação étnica. No entanto, mesmo já tendo sido decretada há onze anos, ainda não foi implementada em todo país, considerando a grande extensão territorial do Brasil, entre outras dificuldades. Não obstante, muitas iniciativas de sucesso vêm acontecendo devido aos esforços realizados pelo Ministério da Educação (MEC) e seus parceiros, como a UNESCO, entre outras organizações de entidades ligadas aos movimentos sociais e às instituições privadas. A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SERPIR) firmou parcerias para a realização de ações que fomentem a implementação da lei por todo Brasil. Dentre essas ações destacam-se: Prêmio Educar para Igualdade Racial; Africanidades; Gênero e Diversidade na Escola; Gestão de políticas Públicas em Gênero e Raça; Educação para Igualdade Racial; A Cor da Cultura, pela fundação Roberto Marinho.

Em 2006, para fins de auxílio na implementação da lei 10.639/2003, o MEC lançou "Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais", resultado de grupos de trabalhadores com perspectivas de ação que visa a orientar

os profissionais que trabalham na educação em todos os níveis de educação, desde a educação infantil ao ensino superior das licenciaturas. Esse material não se propõe a estabelecer ao professor de que forma deverá trabalhar, mas sim, conscientizá-lo de seu papel enquanto produtores deste conhecimento.

Nesta monografia propor-se-á, mais adiante, didáticas que facilitem a inserção do tema em sala de aula, por meio da construção de máscaras que possibilitem aos estudantes estabelecerem significados e sentidos no aprendizado, percebendo por meio do objeto artesanal africano, a influência na cultura brasileira através da disciplina das Artes.

Capítulo II

2. As Culturas Africanas

A arte intervém diretamente no desenvolvimento cultural da comunidade, e a arte africana, tanto no passado como no presente, tem sido instrumento para a manutenção do controle social, preservação da memória histórica e valores educacionais. Essa intervenção é facilitada por máscaras, estátuas ou outros objetos estéticos, que são performaticamente representadas por meio de danças, músicas e cantos. A arte africana também é um dos meios pelos quais os povos e as culturas procuram o consenso para a reprodução da comunidade, para cultos da ancestralidade. Utiliza-se a conversão de elementos da natureza em cultos, e para a proteção dos campos cultivados e a fertilidade. Tais objetos artísticos expressam, em sua essência, um sentimento de forte emoção (Serrano e Waldman, 2010).

A arte africana tradicional fazia parte integral da vida e das comunidades de muitos povos africanos. Para esclarecer as mortes inexplicáveis, doenças ou outras ameaças misteriosas contra o bem-estar da comunidade, acreditavam que eram causadas pela feitiçaria e o antídoto para a feitiçaria era o ritual religioso que incluía cerimônias com uso de máscaras e danças (Serrano e Waldman, 2010).

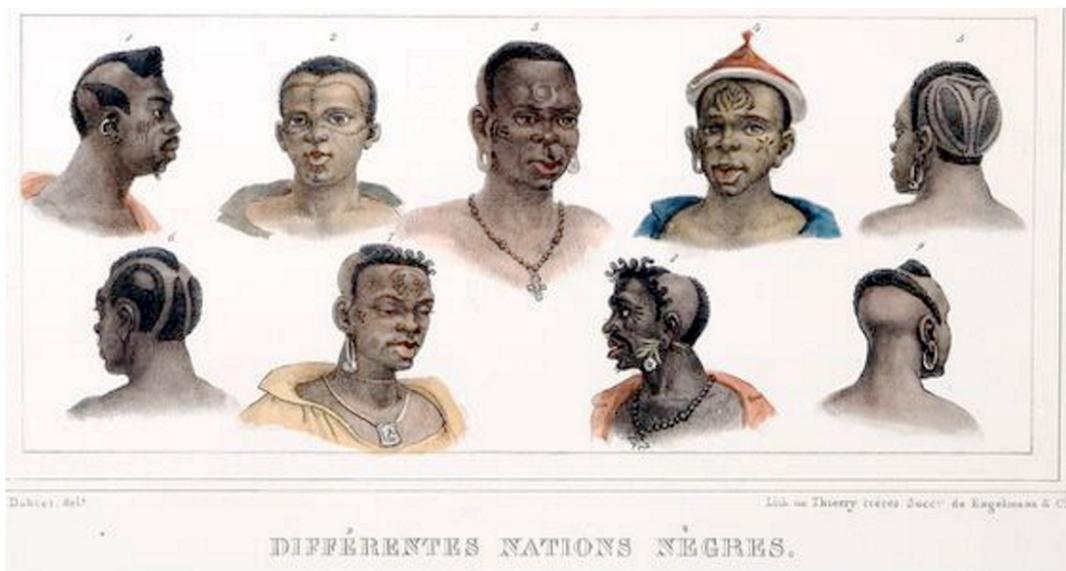
Muitos objetos de arte africanos eram também dispositivos usados pra auxiliar as pessoas a se lembrarem de ideias, conceitos e eventos históricos, como explica Chanda (2009), eles aprendem a variada iconografia referencial, estimula a memória fazendo destes objetos verdadeiros instrumentos pedagógicos.

No meio urbano da África é possível visualizar uma erosão das tradições antes cultuadas nas comunidades de zonas rurais, pois as grandes cidades são formadas por pessoas vindas de diferentes zonas rurais em busca de melhores condições de vida, e no continente africano há diversas culturas e etnias diferenciadas, popularizando as cidades de diferentes procedências. (Haroldo Castro, 2012). Lina Bo Bardi, em *Tempos de Grossura*, comenta que:

Nem todas as culturas são "ricas", nem todas são herdeiras diretas de grandes sedimentações. Cavocar profundamente numa civilização, a mais simples, a mais pobre, chegar até suas raízes populares é compreender a história de um País. E um País em cuja base está a cultura do povo é um país de enormes possibilidades. (BARDI, 1994: 20)

Na década de 1980, em Senegal, segundo Chanda (2009), jovens estudantes e desempregados se uniram e fundaram um movimento chamado *Set-Setal*, com o propósito de limpar as ruas, restaurar, pintar e substituir monumentos coloniais e dar novos nomes aos locais alienados, e romper com o discurso histórico, que fora perpetuado pela geração nacionalista. No esforço de limpeza combatiam a corrupção, a prostituição e a delinquência causadas por um governo ineficiente. Várias ilustrações, painéis e murais foram elaborados por estes jovens trazendo diversos temas, desde ecologia a temas históricos. Percebe-se que a arte criada por este grupo *Set-Setal* é usada para transformar espaços marginalizados em espaços idealizados, elaborados pelo desejo de controlar um meio ambiente negligenciado, ao passo que, antes, a arte era usada para controlar forças imprevisíveis, surgindo assim uma nova cultura, ou uma nova arte.

No continente africano há uma pluralidade étnica e cultural, desde centenas de religiões que existem na África a marcantes espaços linguísticos, sendo que existem mais de duas mil línguas faladas, como analisa Serrano e Waldman (2010), tornando este continente em uma espécie de 'Torre de Babel'. Debret ilustra as diferentes etnias africanas presentes no Brasil-Colônia:



1. Monjolo; 2. Mina; 3, 4, 8, 9. Moçambique; 5, 6. Benguela; 7. Calava

Figura 2: Debret, *Diferentes Nações Negras*, 1830.

Dentro dessa diversidade étnica existente no continente africano, há a constituição da formação da escravatura do Brasil-Colônia: os mandingas, maninkas ou malinkés. Serrano e Waldman (2010), em *Memória D'África*, comentam:

Sendo frequentemente citados nos documentos do período. A sua resistência à escravidão sobreviveu no vocabulário do português do Brasil em expressões como 'jogada de mandiga', que na capoeira - luta de origem africana - significa um dos golpes no qual um oponente faz um jogo dissimulado para distrair o outro. Ademais, 'mandiga' também pode significar feitiço, despacho e mau-olhado. Por sua vez, 'mandigueiro' é aquele que faz ou usa de 'mandiga'. Tudo isso identifica esse grupo como 'fonte de problemas'. Para a ordem escravocrata, é claro... (SERRANO e WALDMAN, 2010: 121)

Outros africanos, de diversas etnias, foram forçadamente trazidos para o Brasil, como os nagôs³, genericamente denominados, e da África Central, denominados de bantu⁴. Também tiveram a imigração espontânea. No Brasil, a contribuição das culturas africanas é ainda hoje preservada em muitas cidades e muitas vezes há uma miscigenação de outros povos aos rituais e festas tradicionais, dos europeus, indígenas e outros. A população africana reconstruiu seu universo fragmentado junto a estranhos e longe de seu ambiente, sobre torturas e trabalhos forçados, para enfrentar a cultura do dominador. Far-se-á um levantamento histórico dessa contribuição cultural denominada de identidade Afro-Brasileira presente na cultura popular brasileira.

2.1 Cultura Popular Afro-Brasileiro

Antes de adentrar na cultura popular do Brasil, analisaremos algumas contribuições culturais herdadas das culturas africanas, lembrando que outros imigrantes europeus e asiáticos, e os já habitantes brasileiros, os índios, também contribuíram para formar esse mosaico de culturas que constitui uma ampla, complexa e única cultura brasileira. No entanto, o foco maior aqui são as heranças africanas, em nosso contexto histórico, social e cultural.

Há um enorme leque de palavras que tem sua origem ligada ao continente africano, algumas em desuso, mas a grande maioria ainda em uso, como exemplo: acarajé, angu, batuque, berimbau, búzio, cachaça, cachimbo, cafuné, camundongo, candomblé, canjica, caxumba, chuchu, dendê, diamba, dengo, exu, fubá, inhame,

³Os que falavam ou entendiam a língua dos lorubás, o que incluía etnias como soKètu, Edga, Egbado, Sabé, etc.

⁴Termo Bantu significa um grupo linguístico formado por muitos dialetos e línguas faladas principalmente na porção continental da África subsariana, como o Umbundu, o Quibundu, e o Quicongo. Esse jeito de falar, carregado e multiplicado por muitos grupos nômades, acabou adquirindo um uso que formou o que hoje muitos entendem como um grande *tronco linguístico*.

lemanjá, macumba, maracatu, marimbondo, maxixe, miçanga, mandinga, moleque, muamba, muxiba, Ogun, quenga, quiabo, quibebe, quilombo, queimana, quitute, samba, senzala, tanga, tutu, vatapá, zumbi, entre tantas outras. Observa-se a profunda influência africana na língua portuguesa falada no Brasil (Emerson Geysler, 2011).

Também na culinária há uma grande influência africana, como o uso do leite de coco e do azeite-de-dendê. Inseriu-se o feijão preto, o quiabo, o milho, a galinha de angola e vários temperos. Trouxeram pratos como o vatapá, a pamonha, a feijoada, o acarajé e o angu, entre tantos outros pratos e alimentos de suas origens que se disseminaram no Brasil. A culinária africana modificou pratos europeus ao substituir ingredientes e ensinou a sua maneira de cozinhar, dando origem à cozinha brasileira (Camara Cascudo, 2012).

As lendas herdadas por nosso antepassados contribuem fortemente para a cultura popular brasileira, a exemplo temos o negrinho do pastoreio, o Saci-Pererê, o bicho-papão, o bumba-meu-boi. Várias manifestações artísticas foram acrescentadas a nossa sociedade, como o samba, que representa um cenário artístico de origem africana sendo uma adaptação das danças e cantos dos escravos, passou por muitas mudanças, até se consagrar na sua configuração atual. A capoeira considerada uma manifestação artística e que faz parte do cotidiano de muitos brasileiros, utilizada inclusive para fins terapêuticos para a terceira idade e um meio de inclusão de muitos jovens, embora o nome tenha origem no tupi.

Muitas danças originaram-se da África, por fazer parte nas aldeias, com palmas em círculos, adultos e crianças participam da dança. A dança é uma manifestação comemorativa e está presente em muitos rituais africanos. Variam muito de região para região. A maioria possui suas características próprias, mas muitas delas possuem traços em comum. Com ritmos variados e com o uso de máscaras e enfeites, divertem-se a sua maneira. A dança afro-brasileira está ligada a distintos movimentos e dramatizações, sendo recriada e ganhando novas expressões e significados também sob influência de outros povos. Apreciam-se as danças afro-brasileiras nas manifestações de nossa cultura popular: samba de roda, reggae, afoxé, axé baiano, maxixe, macule, entre outras. Muitas dessas danças estão presentes nas festas tradicionais afro-brasileiras (Alvarez e Santos, 2006).

Por mais notório que seja a realidade da cultura afro-brasileira, ainda é possível se deparar com a discriminação étnica africana, denominada de racismo

em nosso território. Carregam-se marcas de preconceitos em nosso cotidiano, inclusive em literaturas, materiais didáticos e meios pedagógicos, contaminados de estereótipos étnicos, e mesmo diante de leis que penalizam por meio de prisões inafiançáveis, ainda é possível vivenciar este ato de indignação humana. Com a obrigatoriedade do ensino da história e Cultura Africana, talvez seja possível a aproximação de etnias, entre brancos e negros, que são seres humanos, diferenciados somente pela cor da pele e origem cultural.

2.2 Festas Tradicionais Afro-Brasileiras

Diversas festas tradicionais acontecem no Brasil, com origens muito antigas, em que se pediam aos deuses por guarnição e colheitas fartas. As festas tradicionais, muitas delas religiosas, ocorrem nas ruas sob a influência de diversas culturas que formaram essa nação e permeia o país: africanos, europeus, indígenas, e outros, que se mesclam e constituem a cultura popular brasileira e que permanecem na atualidade. A seguir, relaciono os principais festejos e tradições afro-brasileiras.

O Carnaval, inicialmente, foi influenciado pelos europeus e logo teve uma adaptação africana, com o uso de máscaras e fantasias, tornando-se o festejo mais popular do país, sendo fortemente influenciado pelo samba, ritmo já citado anteriormente como de origem africana. Pela imensidão dessa festa tradicional começaram a surgir as escolas de samba e logo depois os campeonatos. A quarta-feira de cinzas é considerada feriado no Brasil e é agregado à data de religiosidade cristã. É uma festa que movimenta muito dinheiro e gera milhares de emprego.

No dia 02 de fevereiro comemora-se o dia de Iemanjá, uma festa religiosa que tem suas origens no candomblé. Considerada a Rainha do Mar, Iemanjá recebe também outros nomes: Janaina, Santa Bárbara, Princesa de Aiocá⁵. Cultuada principalmente na Bahia, milhares de pessoas vão às praias fazer oferendas à Rainha do Mar. Essa tradição iniciou-se em 1923, quando um grupo de pescadores, em uma escassez de peixes, agrada a Mãe d'Água no intuito de ser farta a pescaria. Segundo Blass (2007), apesar de seu caráter religioso, permeia a vida, estando integrada no conjunto das atividades sociais, em que também se comemora o

⁵É o reino das terras misteriosas da felicidade e da liberdade, imagem das terras natais da África, saudades dos dias livres na floresta.

trabalho dos pescadores e a produção pesqueira. Os devotos do candomblé batem a céu aberto a beira-mar, levando seus praticantes ao 'trance', ou a viver momentos de possessão pelos orixás como parte dos rituais da festa para Iemanjá. Hoje é praticada em boa parte do Brasil e por adeptos de religiões variadas.



Figura 3: Festa a Iemanjá em Salvador-BA

O Maracatu é realizado em Pernambuco e teve sua origem em meados do século 18, em que negros e escravos criaram a coroação de reis e rainhas negros. Trata-se de um festejo ligado à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, caracterizado como um fenômeno típico dos carnavais de Recife, além de manter uma ligação com a religião do Candomblé. Possui duas variações, o de Baque Virado ou Maracatu Nação, que é um cortejo real africano festejado ao som de percussão. E o Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural, que representa a cena de caçada de uma corte.



Figura 4: Maracatu Nação



Figura 5: Maracatu Rural

A Congada originou vários festejos no Brasil. Vimos que em Pernambuco apresenta-se com a denominação de Maracatu. Em Minas Gerais, na Serra do Salitre⁶, é possível encontrar elementos do imaginário da escravidão, onde relembram o 'cativeiro' nos festejos, diferente do que acontece em Pernambuco, que de certa forma esquecem o 'cativeiro' e enfatiza os deuses africanos. No entanto, em Minas Gerais, há um sincretismo entre diversas religiões. Conforme comenta Costa (2006), essa tradição parece decorrente de sua origem africana e ibérica, após a aparição de Nossa Senhora do Rosário, em que situou senhores e escravos em um mesmo patamar de humanidade. Enquanto dança de origem africana, a congada reúne hoje pessoas que identificam em suas histórias familiares situações de privação atribuídas ao cativeiro. Comemora-se nesta festa religiosa o louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.



Figura 6: Congada na Serra do Salitre-MG

Observa-se na maioria dos festejos e rituais a presença de vestimentas, adornos e máscaras. E é justamente a respeito das máscaras que enfatizarei a proposta didática em sala de aula. Para tanto farei um breve histórico da importância deste objeto nas culturas africanas.

⁶Município brasileiro do estado de Minas Gerais.

2.3 O uso das máscaras no continente africano

Para refletir sobre o uso de máscaras nas culturas africanas, é oportuno relembrar o universo espiritual em que os africanos estão inseridos, para então relacionar o imaginário social com as suas representações artísticas.

Conforme Serrano e Waldman (2010), o mundo africano configura um todo integrado, já que consideram a vida social em sua plenitude e tem por meta uma constante busca de equilíbrio junto a um sistema de forças que se expressa imemorialmente, um sistema de disputas no interior da sociedade tradicional pela atuação de indivíduos, como os feiticeiros, que podem promover inumeráveis perturbações no seio da comunidade. E a arte africana é um dos meios pelo qual os povos e as culturas do continente procuram garantir a harmonia, que é fundamental para a reprodução da sociedade.

Para os africanos a máscara, entre outros objetos, corresponde um suporte para o culto da ancestralidade. A máscara é convertida em elementos específicos da natureza, invocadas nos cultos e são nomeadas segundo crenças e narrativas místicas, sendo respeitadas e valorizadas quando para este fim. São utilizadas tanto para a proteção da lavoura, quanto para ritos de iniciação dos jovens, através de rituais com danças e cantos.

Inclusive para a confecção dessas máscaras, baseados em técnicas artesanais, possuem rituais específicos, como explica Serrano e Waldman (2010), há nesse trabalho um saber e um conhecimento sobre as madeiras a serem escolhidas na mata, um trabalho técnico de talha fornecido pela tradição e um sentido estético que obedece a princípios específicos. Refere-se ao belo como categoria estética e ao bem ou ao bom como categoria moral, para atender a função a que veio invocar.

Porém não são todas as máscaras que possuem finalidades ritualísticas, há máscaras somente para fins estéticos, onde há um processo criativo individual, às vezes no intuito de desenvolver elementos visuais, e de se experimentar novos materiais.



Figura 7: Máscara da tribo Punu, Gabão, 35x24cm.

Assim, também, os aspectos gráficos inseridos nas máscaras atendem a determinadas propriedades e preceitos. Representam para os africanos um dinamismo que gera um sentimento de forte emoção, pelo fato de explicitarem fundamentos do imaginário da maioria dos povos do continente africano.



Figura 8: Máscara funerária egípcia, madeira policromada, 30x21cm, 1554 aC.

Utilizadas há milhares de anos, sendo um dos primeiros registros nos povos Egípcios, as máscaras também apresentam elementos de afirmação étnica com características de cada grupo, com uma grande variedade de formas e técnicas de confecção. Sendo apenas um dos elementos utilizados nas cerimônias e rituais, as máscaras vêm sofrendo um declínio nas últimas décadas.

2.4 Contribuições na arte/educação

Partindo do tema, *Influência das culturas africanas na cultura popular brasileira: subsídios para práticas didáticas em Artes Visuais*, tem-se a máscara o objeto para se dar início à implantação de proposta que permeie o universo escolar. A máscara é um objeto representativo nas culturas africanas e herdada em vários movimentos culturais afro-brasileiros, apesar de se perceber seu uso em várias culturas do mundo, inclusive indígena. No entanto, aqui o foco são suas ramificações a partir do continente africano.

Através das máscaras é possível trabalhar vários elementos visuais: a forma, o espaço, o volume, a textura, a cor, a simetria. Por meio do poder da imagem é possível provocar emoções pela comunicação de ideias importantes, tornando o cotidiano mais significativo e profundo. Refletindo em uma causa maior, a produção de máscaras, independente da maneira escolhida pelo professor, parte de um propósito carregado de significados sociais, políticos e morais. Como ressalta Feldman (1993), caso não seja possível descobrir os propósitos de uma imagem, então se trata de um trabalho inadequado. E a proposta é justamente relacionar a importância das culturas africanas na constituição da cultura brasileira, denominado de cultura afro-brasileira.

As máscaras africanas influenciaram muitos artistas ocidentais no início do século XX. Pablo Picasso, por exemplo, elaborou obras sob a influência da arte africana, conhecido por '*período negro*', que usou a carga emocional dando a sensação de força e potência que emanam das máscaras africanas em suas obras.



Figura 9: Pablo Picasso. *Les Femmes d'Alger (O Version O)*. Óleo s/ tela. 243,9 x 233,7cm, 1907. Museu de Arte Moderna-Nova Iorque

Outros artistas como Modigliani, conforme explica Borges e Szejnman (2006), encontrou nas máscaras africanas alargadas das etnias Baulè, IBO e Fang, uma excepcional fonte de inspiração.



Figuras 10 e 11: Modigliani. Esculturas de bronze

Também Henri Matisse, Brancusi, Djanira, Di Cavalcanti, Ismael Nery, Hélio Oiticica buscaram inspiração na arte africana. Conforme registra Barros (2011), um exemplo brasileiro pode ser dado com o *Parangolé* de Hélio Oiticica, que sintoniza com o conceito expandido de máscara. Trata-se de um objeto integrador, que cria conexões com a sociedade, com a natureza e com o mundo.



Figura 12: Oiticica. *Parangolé*, tecidos, 150x110x20cm, 1964.

Essa temática pode ser trabalhada em diversas idades e diferentes níveis de escolaridade, porém, foco este para estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, pela minha própria experiência em estágio, e pelo que percebi durante a vivência com estudantes neste momento da vida escolar. Com o objetivo de incentivar o estudante a se interessar pela cultura afro-brasileira e reconhecer a contribuição para a formação de nossa cultura, há de se elaborar e contextualizar o conteúdo conforme o momento em que vivenciam.

Capítulo III

3. Proposta Didática da Cultura Popular Afro-Brasileiro no Ensino Fundamental das Séries Finais - Máscara

Durante o curso de Artes Visuais foram pesquisadas as várias maneiras e formas de expressão artística. Para se desenvolver o trabalho em ambientes educativos estão disponíveis os mais variados recursos, desde fotografias, vídeos, instalações artísticas, computação gráfica, internet, produção artesanal. Esses recursos são importantes para que estudantes, principalmente nesta faixa etária que proponho, possam ampliar sua consciência cidadã, pautadas no pluralismo de ideias e respeito à diversidade cultural.

As aulas de arte devem ser memoráveis e transformadoras, em que se coloca a vida em movimento, para que através das interações seja possível a construção, a revelação, a significação e o dinamismo, a fim de que o conhecimento das realidades e existência humana possibilite o reconhecimento de alternativas dos significados do mundo. Antes de iniciar a atividade, é importante analisar o que os estudantes já conhecem, pois essas informações serão relevantes para cada etapa do projeto, já que auxilia o professor no sentido de destacar aspectos referentes nos objetivos propostos.

Uma pesquisa por parte dos alunos a respeito das máscaras africanas e o seu uso na cultura popular brasileira é um passo importante, pois facilita no processo criativo. Ana Mae Barbosa em sua Abordagem Triangular propõe “*fazer, ler e contextualizar*” (BARBOSA, 2011: 31), não havendo um isolamento em si, pois é possível se guiar por diferentes rumos ao fazer e ler, ou fazer, contextualizar e ler, ou ler, contextualizar e fazer. Nesse sentido ter um embasamento teórico contextualiza o fazer direcionando ideias e objetivando todo o processo.

Como objetivo geral propõe-se o reconhecimento e a compreensão crítica da produção artística da cultura afro-brasileira como meio de valorização da herança africana para a cultura popular brasileira e sua contribuição nas áreas social, econômica e política, ao desenvolver um trabalho prático que conduza a percepção do conceito e contexto da arte afro-brasileira, ampliando padrões de referência e de identidade no diálogo e no reconhecimento da diversidade cultural e étnico que

compõe a sociedade brasileira e a história dos povos africanos. Com prévia pesquisa teórica, e esclarecimentos a respeito do dia 20 de novembro como o 'Dia Nacional da Consciência Negra', conforme a lei vigente, é possível realizar o projeto por meio da participação dos estudantes através das vivências éticas e estéticas com outros estudantes e recorrer aos elementos que as artes visuais proporcionam para este ensino.

Em um processo teórico/prático, com intuito de introduzir aos estudantes os elementos constitutivos das culturas africanas, é possível adquirir muitas competências e habilidades neste processo de ensino da arte/educação, como conhecer as possibilidades de expressão através das várias linguagens artísticas: fotografias, vídeos, instalações artísticas, computação gráfica, ferramentas da internet, desenho, escultura, pintura, gravura. Apresento as competências e habilidades em maiores detalhes nos planos de aula nas próximas páginas.

3.1 Projeto Didático

Durante a pesquisa teórica e explanação nas aulas é fundamental que os estudantes construam conhecimentos. Através de apresentação de *slides*, o professor pode trazer imagens da arte africana e de obras de arte de artistas que se inspiraram na arte africana para a realização de suas obras, e assim perceber as várias fontes de inspirações artísticas, e que a cultura afro-brasileira pode contribuir largamente nas produções de muitos artistas.

Para a elaboração de máscaras bidimensionais ou tridimensionais é necessária a disposição de materiais e recursos que viabilizem a criatividade dos estudantes, que proporcionem a exploração de vários elementos visuais: a forma, o espaço, o volume, a textura, a cor, a simetria. É interessante solicitar aos estudantes que tragam materiais encontrados na natureza ou no meio urbano, após uma roda de conversa e apresentação de imagens das várias maneiras de construção de máscaras africanas, que os estudantes façam suas escolhas e exponha o porquê ao atribuir valores e significados.



Figura 13: O corpo humano como suporte na elaboração de máscaras.

A pintura facial foi a primeira máscara que o ser humano experimentou, desde a pré-história, conforme explica Angelo Pinto, em *Corantes Naturais e Culturas Indígenas*, “A pele do corpo foi a primeira tela usada pelos homens Neanderthal, ante mesmo de pintarem as paredes das cavernas onde viviam” (PINTO, 1995). Muitas tribos africanas utilizam deste método para a elaboração de máscaras em rituais. Através da pintura fácil é admissível trabalhar as ferramentas de fotografia e vídeo, pois trata-se de recurso didático utilizado em artes visuais.



Figura 14: Rostos pintados em rituais africanos.

Além de utilizar o corpo como suporte na confecção das máscaras, as novas mídias também favorecem este trabalho em sala de aula, representando o próprio corpo através das máscaras utilizadas nas redes sociais, nos correios eletrônicos, nos *blogs*, nas salas de *bate papo* on-line, nos celulares, nos *tablets* e uma gama de ferramentas que se transformam em ferramentas didáticas quando assim direcionadas. Esse universo é conhecido por *cibercultura*, onde as relações se sociabilizam na era digital, uma linguagem que se formou na combinação de outras linguagens, é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. (André Lemos, 2003:12)

Percebe-se nas tecnologias digitais a presença de algumas máscaras, que se denominam de *Avatar*, que é uma representação pictórica de si mesmo utilizado por internautas em ambientes virtuais. O significado e a origem do termo vêm do sânscrito e significa encarnação ou incorporação de um espírito numa forma material (Suely Fragoso e Nisia Martins do Rosário, 2008).



Figura 15: O *avatar* é usado como máscara para representar uma pessoa ou um sentimento.

Com os avanços das tecnologias de telecomunicações, o uso em sala de aula deste conhecimento pode enriquecer a proposta didática, já que aproxima a

realidade de muitos estudantes ao ensino proposto pelas instituições educacionais. Vale ressaltar que ainda possuem jovens sem acesso a esse bem cultural, excluídos digitalmente, o que não impossibilita que os estudantes que possuem este acesso possam explorar e divulgar esse conhecimento em sala de aula para os outros alunos.

No curso de Artes Plásticas, na disciplina de Arte Eletrônica, são explorados métodos de criar e elaborar ponto, linha e plano, entre outros elementos da arte visual passíveis de serem manipulados por meio das mídias digitais. Ampliando ainda mais o conhecimento, o professor de artes visuais possui ferramentas ricas para elaborar aulas que desperte no estudante as habilidades necessárias para a construção das competências que objetiva a aprendizagem.

3.1.1 Planos de Aula

A partir do proposto busca-se contribuir para a formação de ideias que colaborem com o professor para uma reflexão a respeito de uma maneira de se trabalhar a temática da cultura afro-brasileira com os estudantes, reconhecendo as heranças das culturas africanas e despertando nos estudantes o respeito pelas diversidades presentes em nosso país. A seguir, propõem-se dois modelos de planos de aula teórica e prática para melhor entendimento da didática exposta ao ensino fundamental das séries finais.

Plano de aula 1:

Inicialmente proponho um plano de aula teórica para fazer um levantamento do que os estudantes já sabem e introduzir o assunto de forma expositiva:

FOCO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Influência africana na cultura popular brasileira.
METODOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abordagem Triangular.
CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As culturas africanas. ▪ Cultura popular afro-brasileira: festas tradicionais.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação do conteúdo da aula.

ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aula expositiva. ▪ Em uma roda de conversa questionar aos estudantes o que conhecem a respeito da arte africana, que apontem sua influência no Brasil, e a presença das máscaras nas culturas africanas. ▪ Apresentar slides com imagens das culturas africanas, da cultura afro-brasileiro, modelos de máscaras e obras de arte realizadas por diversos artistas com inspiração africana. ▪ Retornar a roda de conversa e discutir a importância da culturas africanas na formação na cultura popular brasileira diante do exposto. ▪ Discutir os diferentes modos de construção de máscaras africanas. ▪ Pedir aos alunos que pesquisem e tragam para a próxima aula materiais para a confecção de máscaras.
OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM:	
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecimento e reconhecimento da arte africana. ▪ Contextualização da herança africana na formação cultura popular brasileira. ▪ Conhecer as manifestações artísticas da cultura afro-brasileira. ▪ Valorização das diversidades das manifestações culturais africanas. ▪ Reconhecimento nas máscaras de objeto artístico africano. ▪ Conhecimento das formas de confeccionar máscaras utilizando materiais plásticos e as mídias digitais.
HABILIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Saber reconhecer a cultura dos povos africanos. ▪ Saber destacar as contribuições dos povos afros na cultura popular brasileira. ▪ Identificar a função das máscaras na culturas africanas. ▪ Imaginar de que forma pode representar uma máscara

	utilizando materiais plásticos ou as mídias digitais.
RECURSOS FÍSICOS	▪ Data show.
DURAÇÃO DA AULA	▪ 2 aulas (50 min cada).
AValiação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualitativa: referentes a conceitos construídos que auxiliam na resolução de problemas e conflitos; referentes à transformação que acarretam no comportamento do estudante e o domínio de transferi-lo para a prática; referente à mudança de atitudes na vida do aluno, pois a construção do conhecimento é um movimento dinâmico. (PCN's, 1998: 69) ▪ Por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos perceber se é capaz de apreciar vários trabalhos e objetos de arte com senso crítico e fundamentos, observando semelhanças e diferenças entre os modos de interagir e apreciar arte em diferentes grupos culturais. (PCN's, 1998: 69)

Plano de aula 2:

Após uma roda de conversa com os estudantes e apresentação de imagens que possam despertar o processo criativo, o passo seguinte é a elaboração da aula prática:

FOCO	▪ Confecção de máscaras
METODOLOGIA	▪ Abordagem Triangular.
CONTEÚDO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As culturas africanas. ▪ Cultura popular afro-brasileira: festas tradicionais. ▪ Máscaras africanas.
	▪ Apresentação do conteúdo da aula.

ESTRATÉGIAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expor máscaras africanas em várias linguagens artísticas. ▪ Dispor vários materiais sobre uma mesa e pedir para os estudantes dispor os materiais trazidos de casa. ▪ Aula prática. ▪ Conversar a respeito da escolha de cada um na confecção das máscaras. ▪ Ofertar os computadores conectados a internet.
OBJETIVOS DA APRENDIZAGEM:	
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecimento das possibilidades de expressar através da várias linguagens artísticas (fotografias, vídeos, instalações artísticas, computação gráfica, ferramentas da internet, desenho, escultura, pintura, gravura). ▪ Compreensão estética nas produções visuais e os seus significados. ▪ Realização de produções artísticas, explorando e utilizando os elementos materiais e formais da linguagem visual, em suas diferentes possibilidades. ▪ Valorização das diversidades das manifestações culturais africanas, reconhecendo a contribuição para a formação da cultura popular afro-brasileira.
HABILIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar os materiais propostos conforme suas habilidades. ▪ Saber identificar a arte no contexto histórico das culturas africanas, conhecendo e respeitando as diferenças. ▪ Saber identificar na cultura popular afro-brasileira os padrões artísticos e estéticos da arte africana. ▪ Utilizar materiais plásticos ou as mídias digitais, desenvolvendo as habilidades de cortar, colar, pintar, e reconhecer os elementos visuais: a forma, o espaço, o volume, a textura, a cor, a simetria. ▪ Compreender a função do uso das máscaras nas culturas africanas.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Computadores com internet.

RECURSOS FÍSICOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Materiais diversos (cola, papel, lápis, tinta, sementes, penas, <i>glitters</i>, purpurinas, argila, sacos de papel, balão, atadura gessada, tintas para rosto, tecido, ferramentas para manipular os materiais)
DURAÇÃO DA AULA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 2 aulas (50 min cada)
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualitativa: criação das formas poética com marca individual em diversos espaços através de técnicas, procedimentos e de elementos da linguagem visual; estabelecer relação com o trabalho produzido através da argumentação crítica e o tema proposto; identificar os elementos da linguagem visual e suas relações a partir da combinação de seus próprios trabalhos e em objetos da arte africana. (PCN's, 1998: 69) ▪ Participação nas aulas: domínio do plano expressivo e construtivo; organização, concentração, cooperativo, acabamento com qualidade.

3.2 Resultados e Avaliação

O entrosamento dos estudantes durante as atividades é essencial no processo criativo, pois na interação surgem questionamentos em que são debatidos posicionamentos críticos a respeito do tema que está sendo desenvolvido, o que será manifestado na execução dos trabalhos. A mediação professor/estudante emite segurança e estímulos desafiadores a serem explorados. É interessante instigar a fala dos estudantes a respeito de seu processo criativo, vinculando ao tema proposto. Os temas a serem trabalhados, através do uso das máscaras, devem ser de escolha do próprio estudante, vinculando as culturas africanas em relação à cultura brasileira, desde a sua formação a questões sociais como o racismo.

Durante todo o processo o professor deve estar atento para avaliar a sua própria atividade, o envolvimento e o entendimento da proposta pelo estudante. Neste sentido, é válido verificar o nível de compreensão do significado da máscara e a construção dos sentidos da importância das culturas africanas na constituição da cultura brasileira, denominado de cultura afro-brasileira, vencendo o preconceito e permeando nossas semelhanças.

Mais do que atender a legislação vigente, reconhecer as heranças das culturas africanas e despertar nos estudantes o que contribui e constitui a nossa cultura popular afro-brasileira, é questão de história e sabedoria. Apesar de todo avanço tecnológico e influência das culturas de massas quanto ao consumismo, ainda assim o povo brasileiro convive com as culturas tradicionais representadas por nossa cultura popular afro-brasileira que simbolizam muitas vezes lições de vida e culto às crendices populares. Cabe às escolas trabalharem a importância simbólica desse conhecimento, principalmente no ensino fundamental, através das disciplinas de Artes, História e Literatura.

Considerações Finais

Através da máscara é possível trabalhar uma temática vasta e importante para a formação de futuros cidadãos em reconhecer a influência das culturas africanas na formação da cultura popular afro-brasileira, que constitui nossa identidade e solidifica expressões artísticas. Não se trata apenas de uma questão de se fazer cumprir uma lei e sim de reconhecer as origens e as raízes de nosso saber cultural, nossas lendas, mitos e credences populares.

Da mesma maneira em que na África muitos rituais deixam de existir, no Brasil está sujeito a extinção de algumas culturas africanas que deram início a nossa cultura afro-brasileira, apesar de ser ainda bem presente principalmente em cidades menores. Resgatar lembranças e reconhecer heranças é uma forma de se apropriar do conhecimento desses povos que contribuíram e continuam a contribuir para os costumes e formação de nossa civilização.

Considerada um marco legal, apesar de existirem contra argumentações e polêmicas, a lei que sanciona a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira auxilia a tornar mais evidente a contribuição dos povos africanos na constituição de nossa cultura, fortalecendo o respeito da história negro-africana, efetivando na educação escolar um trabalho justo e de qualidade junto aos estudantes de todos os níveis escolares. Com isso, essa nova legislação propicia o desenvolvimento de ferramentas para se vencer o preconceito e o racismo, em defesa do ser humano, independente da cor de pele e suas origens, em um país com diferentes etnias e uma pluralidade cultural.

Existem muitas maneiras de o professor de arte desenvolver as aulas ao utilizar o objeto máscara, abordando diversos temas e direcionando os trabalhos. Foi aqui sugerido a prática das várias linguagens em artes para direcionamentos da prática em sala de aula para estudantes das séries finais do ensino fundamental, a fim de despertar o processo criativo não só pela turma, mas também pelo próprio professor, ao qual caberá a escolha do melhor caminho a trilhar no alcance dos objetivos sugeridos pela temática.

Referências

- ALMEIDA, Maria Cândida F. *Arte afro-descendente: um olhar em desafio*. In: NUSSBAUMER, Gisele M. (Org.). *Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007. (Coleção Cult).
- ALVAREZ, Gabriel Omar. SANTOS, Luiz. *Tradições negras, políticas brancas: previdência social e populações afro-brasileiras*. Brasília: Ministério da Previdência Social - MPS, 2006.
- AQUINO, Julio Groppa. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. Coordenação de Julio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1998.
- AJZENBER, Elza. MUNANGA, Kabengele. *Arte Moderna e o impulso criador da Arte Africana*. São Paulo: Revista USP número 82, páginas 189 a 192, 2009. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/82/13-elza.pdf> Acesso em 31/05/2014
- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. COUTINHO, Rejane G. *Ensino da Arte no Brasil*. Aspectos históricos e metodológicos. São Paulo: UNESP, 2011.
- BARDI, Lina Bo. *Tempos de Grossura: o design no impasse*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1994.
- BARRO, José D'Assunção. *As influências da Arte Africana na arte Moderna*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, Revista Afro-Ásia, páginas 37 a 95, 2011. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77022104002>. Acesso em 31/05/2014.
- BLASS, Leila M. da Silva. *Dois de fevereiro, Dia de Iemanjá, Dia de Festa no Mar*. São Paulo: Núcleo de Estudos Religião e Sociedade - Pontifícia Universidade Católica, 2007.
- BORGES, Rose M. A. SZTEJNMAN, Vitória L. *Zumbi e a Estética Africana Através de Máscaras de Argila*. CHANDA, Jacqueline. *Educação Artística a Serviço da Comunidade: perspectiva histórica dos Africanos e da diáspora*. PIMENTEL, Lucia Gouveia. *Formação de Professores de Arte, Novos Caminho*. CONFAEB: Trajetória e Políticas para o ensino no Brasil: anais do XV CONFAEB. Org. José Mauro Barbosa Ribeiro. Brasília: Coleção Educação para todos, 2009.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial, 2005.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte*/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte*/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*/Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental* – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 12. Ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Haroldo. Disponível em:

<http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2012/05/vidas-e-costumes-sob-o-risco-de-extincao.html> . Acesso em 31/05/2014.

COSTA, Patrícia T. Maranhão. *As raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário*. Brasília: Tese de doutorado, departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2006.

FELDMAN, E. B. *Metodologia de trabalho*. São Paulo: USP, 1993.

FRAGOSO, Suely. ROSÁRIO, Nisia Martins. *Melhor que eu: um estudo das representações do corpo em ambiente online de caráter multicultural*, 2008.

Disponível em:

http://www.academia.edu/247815/Melhor_que_eu_um_estudo_das_representacoes_do_corpo_em_ambientes_graficos_multiusuario_online_de_carater_multicultural

Acesso em: 01/06/2014.

FRANZ, Terezinha Sueli. *Artes Visuais no ensino fundamental na atualidade*. Santa Catarina: CEART, 2004.

GIANNINI, Danielle. *Arte e Artesanato - Máscaras*. In: Lugares do Mundo. Disponível na internet<lugaresdomundo.com/mascaras_0803.htm. Acesso em 23/03/2104.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em 05/05/2014.

http://www.pucsp.br/revistanures/revista5/nures5_leila.pdf. Acesso em 19/05/2014.

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5567/1/2006_Patricia%20Trindade%20MaraMa%C3%A3o%20Costa.pdf?origin=publication_detail. Acesso em 22/05/2014.

http://www.pucsp.br/revistanures/revista5/nures5_leila.pdf. Acesso em 25/05/2014.

<http://www.de-africa.com/1mascaras.html>. Acesso em 31/05/2014.

[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A1scara_funeraria_egipcia_\(M.A.N._Inv.15245\)_01.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A1scara_funeraria_egipcia_(M.A.N._Inv.15245)_01.jpg). Acesso em 31/05/2014.

<http://suportecenicomarilia.blogspot.com.br/2009/09/oficina-de-mascara-mortuaria.html>. Acesso em 31/05/2014.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 31/05/2014

http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_44_JABarros.pdf. Acesso em 31/05/2014

<http://poesiameiofio.blogspot.com.br/2011/12/maracatu-ascenso-ferreira.html>. Acesso em 09/06/2014.

<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/nossas-lutas/educacao/planos-de-aula/8221-plano-de-aula-palavras-de-origem-africana-usadas-em-nosso-vocabulario>
Acesso em 09/06/2014.

<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Aline/Meus%20documentos/Downloads/89-220-1-PB.pdf>. Acesso em 13/06/2014.

<http://www.numismatas.com/phpBB3/viewtopic.php?f=38&t=6125>. Acesso em 13/06/2014.

LIMA, Rossini Tavares. *ABC de Folclore*. São Paulo: Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, 1952.

PINTO, Angelo C. *Corantes Naturais e Culturas Indígenas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, 1995. Disponível em: http://www.sbq.org.br/filiais/adm/Upload/subconteudo/pdf/Historias_Interessantes_de_Produtos_Naturais09.pdf. Acesso em 04/06/2014.

SERRANO, Carlos. WALDMAN, Maurício. *Memória D'África. A temática Africana em sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Anexo

Anexo A - Lei número 11.645, de 10 de março de 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA - Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Artigo 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad